

TAMBUÁ Livre

À Biblioteca Pública de

Braga

27
MAIO
1961

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 — AMARES

Os Lançarotes

Assim como os feitos fabulosos dessas figuras lendárias da alta idade média se transformaram nos acontecimentos reais e verdadeiros que ilustram as páginas da cavalaria cristã, também os seus nomes foram adotados por autênticos personagens — uns que na arte da guerra fizeram corresponder o nome à valentia de que deram provas, e mereceram a menção da história, outros que lhe foram somenos e passaram despercebidos.

Assim é que na mesma família dos Pereiras do Lago houve, pouco depois, (1560) outro Lançarote que foi cónego em Braga.

Não era preciso que o cinema deturpasse fantasiosamente e a seu modo os romances de cavalaria que já os críticos tanto haviam caluniado, para que essas maravilhosas cenas do passado cada vez mais se diluíssem aos olhos de uma sociedade e de uma época que os vê sempre a maior distância e mais mal os compreende.

Podiam os verdadeiros servir-lhe de fundamento.

Simplemente reproduzida a crónica de Fernão Lopes no que toca à entrada da vila de Ponte de Lima, que tinha voz por Castela, verifica-se que foi teimosa a resistência da forte guarnição daquela praça; e por mais rogos e promessas que D. João I em-

pregasse, nada demoveu os setiados a uma rendição.

Começaram a ser batidas e escaladas as muralhas, até que chegou a vez da torre de menagem, que era a mais alta e defendida pelo próprio alcaide, Lopo Gomes de Lira, o mais renitente em entregar-se sem condições.

Era uma torre de dois sobrados, e de todas a mais defensável. Nela havia farto abastecimento de víveres, lenha e toucinhos, além de pratos e dinheiros de muitos mosteiros e igrejas da redondeza, que ali haviam sido levados à guarda do alcaide.

Arremessavam do alto das muralhas as pedras das ameias e dos cantos da quadrela, que vinham esmagar cá em baixo os mais ousados setiantes.

Também caíam tições e linho a arder, até que um dos companheiros de D. João I, que sob o arco do portal da fortaleza se acolhera dos pesados projecteis, puxou de lá o lume com a ponta da espada e pôs fogo às portas.

Depressa passou à lenha acumulada na torre e aos toucinhos; abatendo os soalhos, pôs nos últimos apertos a desesperada guarnição.

Foi nestas circunstâncias que D. João I mandou suspender a lnta e descer a mulher do alcaide por cordas, em um cesto.

Foi esta cena que provocou os conhecidos dizeres de Lançarote do Lago.

CAPITÃO RUI MENDONÇA

Os jornais e agora a televisão trouxeram-nos ao conhecimento a benéfica acção do Capitão Rui Mendonça em terras de Angola.

Ela é simultaneamente valente e psicológica batendo pelas armas os que nos atacam ou convencendo pela sedução aqueles que podem ter tido dúvidas quanto á nossa soberania.

Conhecemos o Capitão Rui Mendonça como militar e como homem, as duas facetas em que se apresenta. Não tivemos dúvidas em acreditar completamente, desde as primeiras notícias nos factos meritórios que lhe eram atribuídos.

São fruto de qualidades que mostrou exuberantemente entre nós. Vimo-lo hoje, nas terras angolanas, a incitar os nativos na adoração à nossa e sua Pátria, sempre com o apurmo que lhe é peculiar.

A acção do meritoso militar há-de ficar em Angola como exemplo e pode até acontecer que venha a ser escolhido para mais e melhor — para muito mais e de muito maior repercussão.

Para que Conste...

A devotada energia de carácter do primeiro português D. Afonso Henriques deveu o acanhadíssimo condado de Portugal aumentar-se e transformar-se em Reino.

O Princípio

Robustecida, mercê da incólita perseverança de um punhado de heróis, que secundaram a sucessão, Portugal torna-se numa Monarquia respeitada e até certo ponto temida pelos seus vizinhos. Tempo volvido e por inépcia de quem empunhava o ceptro, só demonstrando audácia para contrariar os votos e representações dos seus vassallos, a Nação viu diminuir a sua energia e enfraquecer o seu valor. Mas, pela primeira vez o povo português reagiu e escorado num grupo de leais patriotas pôde salvar o País na borda do abismo. A glória resultante deste levantamento repercutiu-se no âmbito dos descobrimentos e da conquista que tornaram Portugal o maior império do mundo.

Desde Ceuta, em 1415, a 1515, data final da governação de Afonso de Albu-

Os Russos acharão o Céu?

por M. Ferreira

A estas horas já toda a gente estará farta de saber a história de Gagarine: o russo que a 12 de Abril se levantou no ar a centenas de quilómetros e que em menos de duas horas, deu a volta à terra.

Yuri Gagarine subiu, conseguindo vencer a força da atracção terrestre durante uns 108 minutos; e desceu são e salvo. O triunfo russo deu muito que falar e pasmar.

A potência do «Vostok» era de 5.000 Kw (alguma coisa como a potência eléctrica de toda a França!); já se vê quanto dinheiro terão custado à Rússia os poucos minutos em que funcionaram os motores. É claro que nem tudo vai bem por lá: desastres agrícolas, falsificações das estatísticas, fracasso das «terras virgens» próximas do Cáspio... Muita gente a morrer de fome. Mas o que importa aos Sovietes é fazer-se alvo de admiração, surpresa, frenesi, prestígio.

A empresa foi, antes de mais, questão de técnica. O comunismo porém, tem-se empenhado freneticamente em converter a façanha num argumento contra Deus. Mas a verdade está por nós, e só dela esperamos libertação. Depois, importa-nos mais a reflexão do que a técnica. Um dos males do século é, precisamente, o avanço da técnica sobre a reflexão. Estamos no tempo dos automatismos. Enxameiam os povos subdesenvolvidos, que se fizeram com máquinas e não com pensamentos. Civilizações não reflectidas, falta daquele peso humano que fez grande a Europa. Estamos a ponto de confiar o nosso mundo a crianças crescidas.

Não há Céu

«A proesa que se nos apresenta como o acontecimento do século — escreve André Breton — está viciada pela mais abusiva das propagandas». De facto, logo desde o primeiro instante, os Sovietes aproveitaram-se do sucesso para a máxima apologia do Ateísmo. Eles sabem muito bem lançar poeira nos olhos desprevenidos. Mas não é preciso ter estudado, para ver que não é lá por um homem

Continua na 6.ª página

Interesses do Concelho

Deslocou-se esta semana a Lisboa, a nossa Câmara a fim de tratar de assuntos do maior interesse para o Concelho, designadamente da electrificação até Bouró.

Continua na 5.ª página

A SORTE

Um dos grandes segredos do triunfo reside certamente na justa aplicação da grande virtude da persistência posta ao serviço de qualquer causa humana.

Podem os obstáculos surgir a cada momento no caminho do pioneiro decidido, mas se este tiver por si a razão, ou o justo, ou o humano ou o melhor, será muito possível que, ao fim e ao cabo triunfe; mas mesmo que não triunfasse, num campo determinado, a

persistência de que deu provas revelaria que se trata de um carácter firme e de uma personalidade forte e, por isso mesmo, digno dos maiores louvores, de profundo respeito e muita admiração.

Afinal a sociedade não é senão um conjunto de homens e é da tèmpera do carácter destes que depende o maior grau ou o menor grau de perfeição relativa que aquela pos-

Continua na 4.ª página

Aqui Brasil!

— Cada terra tem seu uso...
— Casou Amália Rodrigues
— Outras notícias.

RIO DE JANEIRO = 13

— O navio «TJESADANE» chegou á Guanabara e os russos Sidor Ivanoff e Efinoff, seus passageiros, com destino a Santos, resolveram saltar para conhecer o Rio. Sairam pela orla do cais meio desorientados e foram parar na Rua Sacadura Cabral onde no n.º 112 encontraram o alemão Alfred Teeck Telemberg a quem pediram uma informação.

Alfred foi amável e solícito multiplicando-se em gestos para se fazer entendido. Os russos trataram de agradecer á moda da sua terra e tentaram beijar o mecânico, que estranhou a história e

reagiu com violência. Por isso não esperavam os russos que então em vez de beijos, cobriram Alfred de sócos e bofetões. Os colegas do mecânico vieram em seu auxílio, formou-se um burburinho, que só terminou com a intervenção da polícia. Estes tiveram trabalho para acalmar os dois russos que lhes rasgaram os uniformes.

Sidor e Efinoff algemados foram conduzidos para o 10.º D. P. e autuados.

Pagaram fiança e seguiram apressadamente para o cais. Porém o «TJESADANE» já havia partido, e os dois russos ficaram mesmo... a ver navios.

— Numa cerimónia simples

Continua na 4.ª página

O Concelho de Amares Desprendimento

A Predestinação Do Infante D. Henrique E D. Afonso Henriques Através De Textos Bíblicos
— O Autor De «Revelações Bíblicas» Faz-me Recordar O Concelho De Sua Naturalidade
ELISIO DE VASCONCELOS

Situado num mimoso alegrête do sempre lindo e feitiço Minho, o Concelho de Amares espalha-se em férteis veigas, vales e colinas, campo e prados, pomares e hortas verdejantes, rios e montes de surpreendente paisagem.

É uma das regiões mais ricas da Província minhota pelo solo ubérrimo, pródigo de cereais, frutas saborosas, hortaliças viçosas, azeite excelente e abundante vinho verde. Os mercados às quartas-feiras, na Feira Nova — freguesia de Ferreiros — a 1 quilómetro da vila, e nesta às segundas-feiras, em Santa Maria de Bouro às sextas-feiras, de 15 em 15 dias, são feiras fartas de produtos agrícolas, bois, porcos, coelhos, aves etc.

Na época própria os afamados melões apimentados, as laranjas de casca fina, (as de Santa Marta são uma delícia), as melancias, pêssegos, pêras, maçãs, uvas e frutas suculentas e gostosas desseccam os feirantes e forasteiros como dádivas divinas neste Eden formoso.

Em alguns dias, de Julho e Agosto o sol também escalda por estas paragens paradisíacas, incidindo ardente nas estradas e caminhos, nos largos e praças onde as frondes não estendem a folhagem acalentadora para anteparo dos raios luminosos.

Então, são procuradas as sombras acariciadoras sob as franças imponentes e frondosas de árvores de grande porte, ou as das ramadas das videiras cujos caules sarmentosos se estem ao longo das latadas, sustentados por vigas de ferro e de arame, formando com a folhagem dos ramos, tufos verdes ou amarelados com cachos pendentes de popudos e saborosos bagos.

Não faltam recantos amenos, tapêtes de relvado, não raro próximo de uma fonte de musgos verdes e de água cristalina. Veio de água procurado por precaução para lavar os lábios dos bigodes avermelhados deixado pelo verdasco sorvido aos goles sôfregos, pelos apreciadores do capitoso nectar saboreados a largos tragos por volumosos copos de barro vidrado.

O lastro anteriormente feito nos estômagos pelos bolos e iscas de bacalhau de chouriços lustrosos, pingues de azeite, haviam já comprometido a limpeza da boca; e, às vezes... das costas das mãos que serviram de improvisado guardanapos à falta de melhor.

Principalmente os lábios das moçoilas, bonitas e as-

seadas, não poderiam ficar conspurcados com o simulacro de comprometedor baton. A água pura, brotando natural, manterá o frescor e o ingénio rosado, sem artificios das camponesas sadias.

Quanta saudade, ao recordar agora, como vista numa tela de Malhã, a primorosa aguarela, cheia de vida e alacridade!...

Mas até à próxima.

Fui recentemente procurado pelo sr. António Emídio de Sousa, antigo jornalista e cinegrafista, atualmente com residência na R. Visconde do Rio Branco n.º 31 em Santos, Estado de São Paulo.

Deseja êle oferecer o seu livro «Profecias Henriquinas» a tôdas as Associações ligadas aos portugueses e em qualquer parte do mundo que lhe enviem os respectivos endereços. Tem o autor no prelo um livro «Revelações Bíblicas», fruto de meditações sôbre o livro sagrado que nos violetam a crer e nos antojam de alçadas e feitos

dos gloriosos infantes D. Henriquete e D. Afonso Henriques».

Curiosíssimo e paciente trabalho a demonstrar com textos bíblicos a predestinação dos portugueses para os descobrimentos e propagação da fé.

Natural de Bouro (Santa Maria), onde nasceu também minha avó materna, falamos da vila de Amares, sede do concelho do mesmo Barreiro, Besteiros, Bico, Bouro (S. ta Marta), Dornelas, Ferreiros, Figueiredo, Bouro (Santa Maria), Dornelas, Fiscal, Goães, Lago, Paredes Secas, Portela, Prozelo, Rendufa, Sequeiros, Seramil, Torre e Vilela.

Concelho banhado ao norte pelo rio Homem, afluente do Cávado; e, ao sul, por este rio que serve de limite ao concelho da Póvoa de Lanhoso, profundamente ligado à minha adolescência.

Transcrito com a devida vêcia de o O Globo do Rio de Janeiro.

Aos Heróis de Mucaba

O éco formidável da vitória
De Mucaba vibrou por toda a parte;
E cobriram-se de luz e de glória
Os defensores daquele baluarte!

Vinte e sete valentes numa igreja,
Contra seis mil bandidos bem treinados,
Foram os vencedores dessa peleja
Que nos deixou a todos assombrados!

Ó vós, os que negais esta virtude
À portuguesa geração de agora,
Confessai que afinal a juventude
É hoje a mesma como foi outrora!

E vós, ó tresloucados portugueses,
Que por vãs fantasias renegais,
Não uma, por acaso, mas mil vezes
A Pátria onde nasceram vossos pais.

Derrubai as bandeiras do estrangeiro,
Pedí á Pátria, do perdão a esmola;
E depois cada qual seja o primeiro
A vencer ou morrer como os de Angola.

Não devemos deixar, por tibieza,
Que os «sem pátria» se digam patriotas;
E que entre nós espalhem com vileza
Boatos mentirosos de derrotas.

UEBRA

Deseja trabalhos tipográficos
com rapidez e perfeição?

**DIRIJA-SE À
MODELAR**

Telefone 62113

Amores

Visado pela C. de Censura

Cansado da vida, cansado do estudo,
Cansado do mundo, cansado de tudo,

Sem luz nos meus olhos, à luz dos amores,
Sem ver as estrelas já com resplendores,

'Squecido dos homens, 'squecido de Deus,
'Squecido da Terra, 'squecido dos Céus,

Procurando a morte, fugindo da vida,
Sou rosa calcada, sou folha caída.

Procurando a vida, fugindo da morte,
Nem sou flor da serra nem trevo da sorte,

Não sou nada, nada, e só «nada» tenho,
Sou flor que vegeta, sou fétido engenho,

Sou luz apagada na noite de breu,
Alma atribulada sem Pátria nem Céu,

Sou cão lazarento a quem meu irmão
Em vendo m'espera de pedra na mão!

H'alguns que me apontam com ar escarninho
Com bocas horrendas cheirando a vinho.

Outros me repelem, me julgam ladrão,
Me lançam a pedra escondendo a mão.

E ainda outros me chamam fastasma!
Miseros leprosos atacados d'asma!

E mais adiante há outros que troçam
Com a «tripa-forra», porque bem almoçam.

Apenas me cercam, (bondosas esperanças!),
Co's braditos meigos as loiras crianças.

E eu sigo o destino que Deus me traçou,
Fugindo da Terra, que o Céu me criou

P'ra vida mais alta, mais alto destino,
Chegando a ser homem mas sempre menino.

Cansado da vida, cansado do estudo,
Cansado do mundo, cansado de tudo,

Eu busco uma Glória, que glória não há
Senão nas Alturas do Eterno Jheová.

Eu busco as Alturas nas sombras do além,
As eternas portas da Jerusalém.

Gota d'Orvalho

PRIMAVERA

Primavera! Rasga-se o véu Celeste
O azul d'esp'rança surge no Infinito!
Raios de sol esbatem no granito
Enquanto que a Natureza se reveste.

Pululam borboletas no espaço
E os campos já se vestem d'aguarelas.
Cruzando o Céu, em revoadas belas,
Esvoaçam pombas em alado abraço.

Nurmuram fontes d'água cristalina
Numa Canção sempre eternal, divina,
Enquanto no meu peito há sempre mágoa!

Apenas para mim é sempre inverno!
Est'alma que não vê senão inferno
Se mirra à sede duma gota d'água!

Gota d'Orvalho

TRIBUNA do CONCELHO

Reunião Camarária

Deliberações da Câmara Municipal

Correspondência

Ofícios

Aposentações terá de se pronunciar, necessariamente, sobre se os sinistrados estão ou não em condições de regressar ao serviço, visto a lei não consentir a realização de mais um exame para tal efeito.

4.º — Que se não for possível à Junta Médica fixar desde logo o grau de desvalorização dos sinistrados estes serão submetidos posteriormente a novo exame, o qual terá unicamente por fim determinar o referido grau de incapacidade.

5.º — Que no lapso de tempo que mede entre o termo do prazo de um ano de incapacidade e a data do exame médico referido no n.º 2 os sinistrados terão direito, como até então, ao vencimento de categoria ou a dois terços do salário.

6.º — Que se o grau de desvalorização não puder ser imediatamente fixado deverá ser abonada provisoriamente aos sinistrados, a partir da data em que forem considerados inaptos para o serviço, a importância correspondente à pensão de aposentação normal.

7.º — Que quando este vier a ser conhecido, depois do exame realizado para o efeito, fixar-se a pensão de aposentação extraordinária definitiva e proceder-se à compensação entre a importância abonada aos sinistrados a partir do dia em que foram julgados incapazes, e aquela a que efectivamente tinham direito, em função da pensão definitiva desde a mesma data.

8.º — Que uma vez que os sinistrados são abonados do vencimento de categoria ou de dois terços do salário até à data em que são submetidos ao exame da Junta Médica da Caixa Geral de Aposentações, deverá, logicamente, ser considerado como de serviço efectivo o tempo decorrido até essa data, quer sejam ou não julgados aptos.

Requerimentos de Obras

De Dr. José António de Sousa Fernandes, de Amares, pedindo licença para cair e pintar o seu prédio sito no Largo D. Gualdim Pais, desta Vila. Tem informação favorável.

De Maria Benta de Almeida, de Fiscal, solicitando licença para construir uma casa com um pavimento no lugar de Outeiro da mesma freguesia. Tem informação favorável.

De Francisco Pereira da Silva Macedo, de Caires, requerendo licença para construir um bardo, bem como uma vedação, com carácter provisório, e abrir uma portada no lugar de Paço da mesma freguesia. Tem informação favorável da Junta de Freguesia e do Zelador Municipal.

De Manuel Batista da Silva, de Figueiredo, solicitando licença para abrir um poço e construir um tanque no lugar de Paço da mesma freguesia. Tem informação favorável da Junta de Freguesia e do Zelador Municipal.

De Esmael António da Silva Carvalho, de Ferreiros, solicitando licença para construir uma casa com um só piso no lugar de Outeiro da mesma freguesia. Tem informação favorável da Junta de Freguesia. O Zelador informa que a casa deve distar do eixo do caminho público 3m.

De Maria Celeste da Silva Macedo, de Braga, requerendo licença para colocar esteios e reparar uma entrada na freguesia de Caires. Tem informação favorável da Junta de Freguesia e Zelador Municipal.

Requerimentos do Doentes

Foram presentes à Ex.ª Câmara os seguintes requerimentos pedindo guias para internamento de doentes pobres em estabelecimentos hospitalares; deferidos pelo Senhor Presidente da Câmara nos termos do Art.º 78.º do Código Adm.:

De Maria Avelina da Silva, de Dornelas, Arminda de Jesus Veloso, de Prozelos, Custódia Maria Domingues, de Bourro, Glória da Conceição Leite de Araújo, de Figueiredo.

Processo de Licenciamento Sanitário

É novamente presente à Ex.ª Câmara o requerimento de José dos Santos Menezes, de Ferreiros, pedindo alvará de licenciamento sanitário para um talho de carnes de suíno, e seus derivados a instalar no seu prédio sito no Largo Dr. Oliveira Salazar, desta Vila, que confronta Norte, Sul e Oeste com prédios do requerentes e Nascente com o referido Largo. Tem parecer desfavorável da Junta Nacional dos Produtos

(Continua no próximo número)

NASCIMENTOS

Pela Conservatória do Registo Civil de Amares foi-nos fornecido este apontamento, respeitante a nascimentos.

No dia 17 de Abril, Maria do Sameiro da Silva Fernandes, filha de João Martins Fernandes e de Teresa Gomes da Silva, residentes no lugar dos Terrões, da freguesia de Rendufe deste concelho.

No dia 18 Domingos Fernando Fernandes da Silva, filho de João Luís da Silva e de Glória da Silva Fernandes, residentes no lugar do Entroncamento da freguesia de Figueiredo deste concelho.

No dia 21 Alfredo Pires Pinheiro, filho de Joaquim Lopes Pinheiro e de Maria Angelina Pires Cerdeira, residentes no lugar da Ponte da freguesia de Lago deste concelho e Maria de Lurdes de Azevedo e Sousa, filha de Augusta Rosa de Azevedo e Sousa, residentes no lugar de Salvadora da freguesia de Goães deste concelho.

No dia 28 Maria Alcinda da Silva Pinto, filha de Domingos Manuel Pinto e de Glória de Jesus da Silva, residentes no lugar de Real da freguesia de Seramil deste concelho.

No dia 29 Maria do Céu Silva de Macedo, filha de Joaquim de Macedo e de Emília Augusta da Silva, residentes no lugar da Levada da freguesia de Prozelos deste concelho.

No dia 3 de Maio, Abílio Capitão Braga, filho de José Fernandes Braga e de Maria dos Anjos da Silva Capitão, residentes no lugar de Telheira da freguesia de Lago deste concelho.

No dia 4 Agostinho Martins da Silva, filho de Delfim da Silva e de Glória Martins, residentes no lugar de Contença da freguesia de Goães deste concelho.

No dia 11 Maria Goreti Pereira Rodrigues, filha de António de Jesus Rodrigues e de Maria Rosa Soares Pereira, residentes no lugar das Portelinhãs da freguesia de Cadelas deste concelho. Felisbela Pereira Guedes, filha de Salvador Guedes e de Maria da Conceição Pereira, residentes do lugar de Cobernas da freguesia de Bico deste concelho.

No dia 12 Maria de Fátima Vieira Soares, filha de Manuel Soares e de Palmira Vieira, residentes no lugar de Transfuntão da freguesia de Figueiredo deste concelho.

No dia 16 Maria de Lurdes Andrade Fernandes, filha de António Fernandes e de Emília da Conceição de Andrade, residentes no lugar das Penas da freguesia de Caires deste concelho.

Santa Filomena

Secretaria Arquiepiscopal

Têm chegado a esta Secretaria numerosas consultas acerca do culto de Santa Filomena, depois que os jornais noticiaram determinada decisão da Santa Sé sobre este assunto.

É ocasião oportuna para lembrarmos que as agências noticiosas não são meio de promulgação das leis eclesiásticas e nunca foram nem podem ser norma disciplinadora da vida da Igreja em qualquer dos seus aspectos.

O cânon 9 do Código de Direito Canónico, que é fundamental, é explícito a este respeito.

Acaba de chegar a «Acta Apostolicae Sedis», n.º 3, de Março do ano corrente, que traz uma Instrução da Sagrada Congregação dos Ritos sobre os «Calendários Particulares e os Próprios dos Ofícios e das Missas a rever segundo a norma e a mente do Código de Rubricas».

Vem realmente assinada por Sua Eminência o Senhor Cardeal Cicognani, Prefeito daquela Sagrada Congregação e está datado de 14 de Fevereiro de 1961.

O Capítulo V da citada Instrução, aliás prometida a quando da promulgação do Novo Código de Rubricas para a adaptação dos Calendários Particulares às novas disposições, trata «De Certas Festas Particulares em espécie», e na alínea B) desse Capítulo: «Das Festas que ordinariamente são chamadas de devoção». É nesta alínea B) que fala de várias festas que não estão no Calendário Universal mas se encontram em Calendários Particulares (de dioceses, de Congregações Religiosas, etc.) e determina que sejam retiradas desses Calendários certas festas que menciona: — da Expectação do Parto de Nossa Senhora, dos Desposórios de Nossa Senhora com S. José, etc., etc. — E termina com estas palavras textuais: — «Huiusmodi vero festa retineri possunt si cum aliquo speciali necessitudine connectuntur. Festum autem S. Philomenae V. et M. (11 Augusti) e quolibet calendario expungatur».

É apenas isto o que até agora sabemos mandado pela Santa Sé sobre Santa Filomena, Virgem Mártir.

Porém, no que respeita à Arquidiocese de Braga, nenhuma consequência prática resulta, pois essa festa nunca esteve nem está no Calendário Bracarense. Por outro lado, não há disposição alguma no Direito Canónico que nos autorize a concluir que aquela determinação implica «proibição geral do culto de Santa Filomena, Virgem Mártir».

Culto público é uma coisa; festa ordenada nos Calendários da Igreja é outra muito diversa.

Certo é que esta disposição da Sagrada Congregação dos Ritos, nos termos em que está e depois das conclusões a que chegaram sérios arqueólogos nas suas investigações do princípio do presente século, não afirma a genuidade da devoção a Santa Filomena, Virgem e Mártir, entre nós tanto em voga e iniciada nos princípios do século XIX.

São até imperscrutáveis os desígnios de Deus ao permitir

(Continua na 4.ª página)



PÊLOS

Destruição definitiva pelo processo mais moderno e rápido

RUA DE S. VICENTE 94 || BRAGA

Na roda da vida

Continuação da 6.ª página

ram, também lhes não batierei neles.»

Daqui chegamos a uma conclusão, depois de nos interrogarmos a nós próprios:

O que seriam os pais?... —O que, até à data, ainda não sabem porque, nem para que vieram ao Mundo!

E como poderão conservar a inocência as crianças, esses Anjos provindos dos 10% aproveitáveis?... Como, se a caminho da Escola e da catequese, se cruzam com os filhos da iniquidade?...

Descera à Terra a Mãe de Deus. (Vergonha nossa!), implorando penitência!

Não porque o Céu carecesse de tal atitude da nossa parte, mas porque o nosso caminho trilhado nessa

Condições de Assinatura

Continente	
Ano	50\$00
Semestre	25\$00
Ilhas	
Avião—ano	150\$00
Semestre	75\$00
Barco,—ano	60\$00
Semestre	30\$00
Brasil	
Avião—ano	150\$00
Semestre	75\$00
Barco—ano	60\$00
Semestre	30\$00
Estrangeiro	
Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00

A SORTE

Continuação da 1.ª página)

sa atingir.

Inputar todos os males do mundo aos governos, ao acaso ou à sorte é tão pueril como pretender que o homem não sofra influências do meio ambiente e que, por seu turno, não o influência também. Na maior parte dos casos, e tendo em atenção os factores ambientes, aquilo a que vulgarmente se chama *a nossa sorte*, não é senão o fruto da nossa própria acção, isto evidentemente, no que se refere à nossa actividade moral, social, profissional, etc..

Do choro e do desespero de muitos nem sempre a colectividade tem culpa, embora na verdade quem está desesperado ou chore mereça amparo e protecção, quaisquer que sejam as causas dos seus males. Mas para além desta verdade sentimental, o certo é que o homem evoluciona muito mais pela força criada da sua vontade do que pela apatia, pela indiferença, pelo fatalismo. É que a perseverança é uma das grandes leis do triunfo.

era, nos conduzia à ruína, à condenação, à perdição eterna! Porque o braço da Justiça Divina, havia levantado já, contra o Homem, a espada que o haveria de aniquilar, cansado já de ser ofendido, saturado já de ultrajes e de vilanias da mais dura espécie?

«Se os homens se converterem, haverá Paz, e a Rússia converter-se-á. Porém, se assim não acontecer, grandes castigos assolarão o Mundo! A Rússia estenderá as suas suas garras ferinas, e por fim, o meu Imaculado Coração triunfará!»

Quem ouviu a Mensagem de Fátima?...

O Homem não escutou este apelo para seu bem! Esta mensagem não produziu no seu espírito, mais que o efeito de um sópro de vento que passara há 34 anos sobre a Terra!

A Mensagem de Fátima! A palavra da Virgem, palavra de Deus!

O esquecimento! O nada de importância ligada a uma Mensagem do Céu, a um Aviso do próprio Deus!

A Rússia! As grandes potências pontapeando Povos pacíficos!

O Mundo em chamas! O terrorismo, as chacinas em massa, o atentado contra soberanias inofensivas, contra Povos que «deram Mundos ao Mundo», que civilizaram e catequisaram regiões inóspitas, tudo isto, é o sinal de que se avizinha o trágico desastre produzido pela inércia do Homem, que esquecera a Mensagem de Fátima.

Gota d'Orvalho

CARRAZEDO

Sá de Miranda

Um arquiteto e um engenheiro dos Edifícios e Monumentos Nacionais vieram aqui inspecionar o tumulto do poeta Sá de Miranda para proceder ao estudo da reparação de que carece esse Monumento.

Casa do Povo de Rendufe

No Instituto Nacional de Trabalho de Braga foi conferida a posse ao Presidente e Secretário da Casa do Povo que em Comissão Administrativa vão administrar esse organismo.

Defesa da Pátria

Partiu para Angola num contingente militar o sr. Albano Uvinha de Araujo, irmão do sr. José Uvinha de Araujo, proprietária do talho de Rendufe.

Ali se vai juntar a muitos outros filhos do Concelho que estão em missão de saberania naquela Província.

Residência Paroquial

Começaram as obras da residência Paroquial para receber condignamente o pároco que vai ser indicado por S. Ex.ª Rev.ª o sr. Arcebispo Primaz. Que o sucessor do falecido Abade, sr. Padre Manuel Joaquim Alves da Lomba, nos dispense carinhoso afecto e prolongada estadia são os votos de todos os paroquianos desinteressados e refletidos que vivem para Igreja.

Sariedade

Tem sentido sensíveis melhoras o estado de saúde do sr. Adão Arantes Russel ex-vice-presidente da Câmara e funcionário administrativo aposentado. Folgamos com a notícia por se tratar de pessoa que disfruta de larga simpatia social.

C.

MILÚ foi protagonista dos filmes «O GRANDE ILIAS», «O LEÃO DA ESTRELA», «DOIS DIAS NO PARAÍZO» e «O COSTA DO CASTELO»

— Será no próximo mês de Junho a estreia do novo filme brasileiro «OLHOS CASTANHOS» em que Francisco José é o principal intérprete.

O cantor romantico de Portugal que acaba de inaugurar em Copacabana a «ADEGA DE ÉVORA», vem á meses actuando na TV CONTINENTAL desta cidade, tendo ainda gravado com a Philips dois LONG PLAY que alcançaram o maior êxito e que bateram um r cord em venda de 15 mil discos apenas num mês.

M. Martins

Santa Filomena

(Continuação da 3.ª página)

tão grande desenvolvimento desta devoção, a que estiveram ligados verdadeiros Santos e insignes ornamentos da Igreja nos últimos tempos.

Sabemos bem que o culto dos Santos e das suas Imagens é relativo. Como bem se exprimiram os Padres do Concílio Romano de 993 e os Padres do Concílio Tridentino contra a heresia protestante, não são as Imagens em si, que se veneram, mas a pessoa, ou o mistério ou virtude que representam e simbolizam.

Bem longe de fomentarmos a celeuma ou a discussão inútil sobre a existência ou não existência de Santa Filomena, Virgem Mártir, que é assunto que pertence aos historiadores e arqueólogos, devemos orientar os fiéis, incitando-os a imitar os Santos da sua devoção nas virtudes que simbolizam e de que são o melhor exemplo: é esta a razão de ser principal, do seu culto.

No caso de Santa Filomena, quer tenha existido quer não, está bem simbolizado, como em todas as virgens mártires desconhecidas, o amor a Deus e ao dever cristão até ao martírio, virtude bem necessária nestes tempos. Talvez por isso Deus tenha premiado os seus verdadeiros devotos.

Estabelecemos, pois, a serenidade nos espíritos e aproveitamos a oportunidade para divulgar a boa doutrina.

O Secretário

FOTO MODELAR

reportagens de casamento
Baptisado e Banquetes

Fotografias tipo passe e ampliações

Telefone 62113

AMARES



COMPANHIA DE
SEGUROS 'DOURO,
SEGUROS EM
TODOS OS RAMOS

Há mais dum século, na «DOURO» está a segurança

AGENTE EM AMARES:

João Gualberto da Silva

Largo D. Gualdim Pais

AMARES



RELOJARIA
MAURÍCIO
QUEIROZ

CASA FUNDADA EM 1903

Oficina completa de reparações de relógios de todo o género

Completo sortido de relógios das melhores marcas

R. D. Frei Caetano Brandão

Telefone 22526

Braga

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

Antigo Padroado de Rendufe PARA QUE CONSTE...

pela informação de pessoas velhas, e verdadeiras a composição que houve entre estas partes, e para de tudo constar mandou ele Doutor Juiz do Tombo tomar os sobreditos protestos, e fazer este Auto que assignarão com ele Doutor Juiz, à revelia dos que não aparecerão, de que dou fé...

CONCLUSO AO SENHOR DOUTOR JUIZ DO TOMBO — Julgo o Auto de atombação confrontação, e lemitação da freguesia de Santa Marinha de Villar por sentença na forma do mesmo, a que interponho minha auctoridade que mando se cumpra, e serem os dizimos e mais oblacoens pertencentes à dita igreja e seo Padroeiro o Mosteiro de Santo André de Rendufe e seo Dom Abade e Religiosos dele, e que se lance em Tombo, e pague o Mosteiro atombante os Autos. Santa Marinha de Villar, quatorze de Dezembro de Mil sete centos e oitenta...

AUTOS DE RECONHECIMENTO QUE FAZ O REVERENDO VIGARIO DESTA FREGUESIA (JOÃO CARVALHO)... E logo por ele foi dito que a igreja de Santa Marinha de Villar era do padroado do Mosteiro de Santo André de Rendufe, sito no mesmo couto e termo do concelho de Entre Homem e Cávado, e da apresentação do seo Dom Abade, por quem ele Reconhecete e seus predecessores foram sempre apresentados, por apresentação *ad nutum* removível ao mesmo Apresentante, e seo Mosteiro, que nessa posse o vira sempre conservar, e que da mesma apresentação era a casa da residência com seo passal, o que suposto ande medido em um prazo do mesmo Mosteiro, não é porque seja pertença do mesmo prazo, nem haja de concorrer para o seu foro, só sim no mesmo se incorporou por conta da sua medição, e que nenhuma dúvida tinha que o mesmo e casas da residência se medissem, apegassem, e confrontassem, e lançassem em Tombo, e julgasse por sentença todo este reconhecimento assim como o tinha declarado, e que quanto aos usos e direitos parochiais que lhe pertenciam, melhor o declarariam o Juiz do Subsino e officiaes da freguesia em seo reconhecimento...

DESCRIPÇÃO DOS BENS DO PASSAL DA IGREJA E CASAS DA RESIDENCIA — Item primeiramente medirão os Louvados o campo chamado o passal dos Vigários desta igreja, o qual corre de Norte a Sul, o qual medido de Poente ao Nascente, a face do Sul tem vinte e nove varas, e confronta por esta testa com terra a que chamão a Devezinha que possui Francisco José da Costa, foreira a São João do Campo, por cuja testa dá somente servidão de peoens, e carro para as terras de Domingos José Boticário, e viuva de Manoel Jorge Antunes, estes do lugar do Outeiro, e Francisco José da Estrada, cujas terras se chamão o Campo da Igreja, foreiras a Rendufe, e não dá servidão para as terras chamadas do Sequeiro, e medida pela face do Nascente, de Norte a Sul pelo meio do caminho que vai para a igreja, athe topar no marco pequeno que fica defronte de uma cruz da via sacra, e divide esta propriedade da de São João do Campo, que é o caminho da igreja por beiral alto de uveiras em meio o caminho de carro que vai para o rio Homem e outras partes, e medida pela testa do Norte de Nascente a Poente a face do mesmo Norte por cima de um valozinho de parede baixo, porem sempre pelo caminho, que vai para a igreja, tem trinta e cinco varas menos palmo e meio, por cuja parte confronta pelo dito vallo com o olival do Sequeiro foreiro ao Mosteiro de Rendufe de que se trata, que possui a viuva do sobredito Manoel Jorge, e medido pela face do Poente de Norte a Sul tem sessenta e cinco varas e meia até topar no marco da Devezinha aonde principiou esta medição, confronta por esta parte com a leira do sobredito Manoel Jorge e o Sobredito Domingos José Boticário, tudo por parede em meio, excepto o caminho acima mencionado, que dá pela dita cabeça do Sul; Levará tudo o que fica dentro desta medição de sementeira cinco alqueires de centeio; tem dentro em si varias arvores de vinho, como é a ringa de uveiras que correm ao longo do caminho que vai para a igreja à face do Nascente, que darão de vinho cinco almudes, e tambem dentro da mesma medição fica a hora e casas da residência do Reverendo Vigário, as quaes ficão para a parte do Sul, e tem sua entrada pela parte do Nascente, com sua escada e pateo de pedra; tem duas janelas para a mesma parte, e para o Norte tem outra escada de pedra com sua porta que dá serventia para a mesma cozinha e para a parte do Poente tem uma varanda sobre a horta, com um quarto para a parte do Norte, e uma Commua para a parte do Sul; tem a sua sala de entrada, e outra para a parte do Sul, com duas alcobas, e a cozinha para a parte do Norte, tem duas logeas cada uma com sua porta para o Nascente, e a da parte do Sul serve de casa de renda desta freguesia, e a do Norte serve de adega dos Vigários; tem esta propriedade agoa

* As reticências evitam escusadas repetições.

(Continua no próximo número)

Continuação da 1.ª página

deletérios e ruina do Reino e a perda da independência. E já foi na decadência da audácia, do valor e da coragem — os três melhores dotes do carácter português — que se gizou a temerária e infeliz aventureira jornada do jóvem D. Sebastião. Nem o veto do cardeal-rei D. Henrique, nem daqueles que pretendiam com razão afastar os conselheiros vendidos a Castela, nem o ânimo para tolher o passo a Filipe II sobre Lisboa, valeram algo. O bom senso gorou-se!

Assim, sessenta anos Portugal viu-se amarfanhado sob a tutela do usurpador, no fim dos quais os seus brios amortecidos e que já se afiguravam destruídos, renasceram.

Reabilitação

Mais uma vez a voz patriótica soou pelas montanhas e Portugal e a Pátria teve a fortuna de, ousando arremeter contra o formidável poder de Castela, vencer todas as batalhas de uma guerra que durou cerca de trinta anos. Conjurado o perigo, reasegurada a independência, sossegamos adormecidos sob as copas da árvore da Vitória, num misto de bonomia e de prazer, reforçados pela riqueza imensa que no Brasil se descobriu em minas de ouro e de diamantes, fonte julgada inesgotável pela deslumbrante aparência de tanta riqueza.

E o trabalho — dinâmico fonte que opulenta as nações — fora descurado em favor do vício e da corrupção, que avassalava o País e abalava os alicerces seguros da nobreza da Pátria. Um homem surgiu então — Sebastião José de Carvalho e Melo. Este extraordinário estadista, segurando com redea firme o corcel que à desfilada galgava incomensurável a estrada da negligência, de depravação e do desequilíbrio do País, demolindo convenções sociais, reformando a construir, conseguiu a golpes de energia, tacto e firmeza consolidar o seu antigo prestígio. A Nação, empobrecida já, por malbaratadas todas as riquezas que acumulara, do raro génio de Marquês de Pombal ressurgiu vigorosa, forte e industrialmente sã, numa metamorfose — espécie de rejuvenescimento que grangeou novos e multiplos ascendentes no mundo.

A morte de D. João I pôs um travão neste aureo período e, muito embora no reinado de D. Maria se tivessem empreendido novos e poderosos melhoramentos, mais uma vez ainda os ele-

mentos deletérios (sempre os mesmos) que permanecem por toda a parte, conseguiram implantar o caos.

O Caos

Dal resultou uma desvalorização da nossa Economia, que produziu o papel-moeda e definhou exuberantemente todo o progresso industrial e comercial que culminou pelo escandaloso tratado de 1810.

E foi neste estado de espírito de um povo, que a França se apossou do País sem disparo de um tiro, por falta de opposição do próprio governo, em fuga para o Brasil, entre a cobardia e o pasmo impassível da nação.

Só a reacção voluntária e patriótica pôde operar novo milagre que a Providência parece encarregar-se de gerar em Portugal quando a nação se encontra rente ao abismo: três datas gloriosas — 1385, 1640 e 1810.

Há que juntar a estas, duas mais recentes. Quando a Monarquia parecia sossobrar numa amálgama infinita, em que as Finanças, a Economia, o Labor e a liberdade constitucional se davam as mãos para afundar o País, eis que surge a Republica, como grito unísono de um povo que se levanta da letargia para a continuidade da Pátria. Mas os homens que fizeram a Republica adormeceram ao som da marcha victoriosa e em 1926 o marechal Gomes da Costa, na altura em que tudo parecia submergir de novo, elevou a sua espada e triunfalmente, arrancando de Braga, chegou a Lisboa para sanear, coordenar, lançar a base de um novo e são ressurgimento.

A vitória, por fácil, quase era subvertida. A discórdia tentou desunir os vencedores. A calma chegou, porém. Pouco a pouco as paixões foram-se eclipsando e a confiança renasceu nos seios político e publico, concitando a atenção de governantes e governados.

A nova Ideia

A tolerância de parte a parte fecundou e as reformas uma inscridável transformação do país.

Está lançada à terra a futura prosperidade da Nação; mas a grandeza das nações, dependendo da força moral e cívica dos seus cidadãos, tem de fazer-se através de energia e de vigor, de seriedade no compromisso, da inteligência e do carácter, da realidade e não do mito. Posto isto, resta assegurar à Pátria Portuguesa a sua continuidade no caminho do dever — que é o do Direito.

Fala-se no futuro da Europa. Para consegui-lo descobriu-se a palavra, por conceito, SUPRA — NACIONAL. Esta, na melhor das hipóteses e na pior das intenções, representa uma submissão ao poder centralizado e Portugal não se nos afigura eivado de semelhante assentimento para sujeitar-se a uma centralização de que o Império Português já foi o centro.

Se a nossa nacionalidade transcende toda a gama da conquista, da descoberta e da civilização cristã, cremos ilógico que tenhamos de subordinar um povo que é, de resto, o coeficiente da verdadeira Civilização, a uma supra-nacionalidade, só porque a Europa, que não soubera reagir nas angustiosas horas por que passou, precisa de unificar-se para o bem comum.

Nós, portugueses, sempre procuramos fazer incutir e desabrochar nos espíritos infantis a ideia da Pátria, berço sagrado e inalienável dos avoengos, dos coetâneos e dos vindouros.

Patenteando através de oito séculos tantos exemplos de virtudes cívicas, militares e políticas, como os que ilustram a nossa História, pretendemos neste artigo, de limitado espaço, apenas lembrar que uma nação com o poder maioritário da sua capacidade criadora, não pode obliterar-se em face destas cinco gloriosas datas: 1385, 1640, 1810, 1910 e 1926.

Hoje, em 1961, apresenta-se nova criação histórica para Portugal: a África, realizada à custa de imponentes sacrificios que ninguém trairá, nem alguém conseguirá suprimir.

A África portuguesa será, eternamente portuguesa, quando menos, pelo motivo de que tudo que é português há centenas de anos, continua.

É desta continuidade, em que nos temos argamassado, que Portugal flamejará ao vento das desventuras que cobrem o Universo neste ano de 1961.

TRIBUNA LIVRE

Vende-se em Lisboa na INCREMENTUM - Rua Santa Marta, 58-3.º onde também se recebem assinaturas e publicidade

«A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos desde os mais simples aos mais luxuosos.

NA RODA DA VIDA Os russos acharão o Céu!

Quanto mais estudo o Homem, mais me convenço de que o Mundo caminha a passos largos para o término.

A ignorância ainda em grande escala registada no educador do século XX, atira para o Mundo a mais corrompida das gerações de amanhã.

O educador, a quem melhor caberia epitetar de deseducador, esquecera-se que, do seu pequeno Mundo, a Família, há-de brotar, na medida em que receber a educação, o herói ou o renegado, o Santo ou o Réprobo, o cidadão ou o traidor, o Baluarte ou o Zero, o Homem ou o comunista!

O casamento, apenas almejado pela fome de sensualidade, é para a grande e assustadora maioria, o lago de prazer onde julgam encontrar toda a satisfação das necessidades corporais e espirituais, sem a menor das concepções de ispiritualidade.

Educação como preparação para o casamento, não a procuram! E, deste ambiente, não-de surgir as rosas, desbotadas pela estragada seiva herdada dos progenitores, que acabarão por murchar ante a deseducação dos mesmos!

Atrazo, ou embrutecimento?...

Podemos dividir em dois escolões esta podre sociedade cujos resultados são convergentes: Baixa classe e Classe médio-alta.

A PRIMEIRA, sem preparação conveniente para o Casamento, tenta de cabeça este passo, perdoem-me o termo, julgando que a vida continuará a ser «Flauteada,

com todos os encantos romantizados e sonhadores da mocidade.

Surgem porém os reveses, não estão preparados para enfrentar o choque, a luta, o sofrimento e a lição, desesperam-se, praguejam, insultam-se os cônjuges, espanqueiam-se, na maior parte dos casos.

Os filhos são testemunhas oculares de tais espectáculos, recebendo dos Pais as únicas armas que estes lhes podem doar: A pouca vergonha, o palavrão, o insulto, em suma, o mau exemplo, que só vagabundos pode gerar!

A SEGUNDA:— Os que são cultos, nem sempre cultivam o espírito, contentando-se apenas com o materialismo, deixando-se embrutecer por esta faceta, esquecendo-se de que constituem a Obra Prima da Criação. Tornam-se mais ferozes que as próprias feras, esquecem o direito à Honra e à Dignidade que assistem ao seu semelhante, porque, em si próprios, estes dois factores nunca existiram!

Os que não são cultos... seguem a regra geral.

Para não ser fatalista, direi que, bem joeiradinhas, estas duas classes, deixarão, por contas altas, 10% de famílias dignas, das quais podem surgir rosas puras, heróis para a Pátria e Santos para Deus, mas que, para o conseguirem, têm de desfilar sob a chuva de veneno projectado na atmosfera da vida pela viscosa glândula dos 90% com esmagadora força para avassalar e reduzir a zero a minúscula percentagem.

Façamos uma viagem exterior, e vejamos o que en-

contramos:

Sentimentos depravados! Caracteres depauperados! Mocidades entorpecidas! Lares destroçados! Crianças escandalizadas! Almas empodrecidas! Adolescências engelhadas! Nações incendiadas!

Eis o drama, o triste drama da vida quotidiana de um mundo que, desenfreado e assustadoramente procura deflagrar-se.

Debrucemo-nos sobre a vida! Abeiremo-nos desta triste realidade, dos factos que, no dia a dia vamos encontrando, daqueles de fazer cerrar dentes:

Há dias, em determinada localidade bem nossa conhecida, passara-se o seguinte: Aproximava-se a Festa das Cruzes. Como de costume, almas piedosas, segundo a tradição, colocaram vasos de flores em grande quantidade no Cruzeiro de uma Capela com mais de oito séculos.

Eis senão quando, surge uma turba pertencente aos 90%, com idades desde os 12 aos 15 anos, que, subindo à Cruz, arrebatarem todos os vasos espalhando-os pelo Adro da Capela, mettendo os cacos e terra, à força por debaixo das portas, sujando as paredes e dispersando as flores.

Advirtidos os Pais sobre estes e outros desacatos congéneres, respondem irónicamente: «escuzado será acusarem-me os filhos. Meus Pais nunca me bate-

Continua na 4.ª página

Continuação da 1.ª página)

certo, não elaborara sozinho.

Os poetas não tiveram mãos a medir. Um poema recitado na televisão punha na boca de Yuri frases deste jaez: «deixo a terra por amor da terra e o meu único Deus é o homem». Que homem? Ao que parece, ele mesmo. Como é ridículo — trágicamente ridículo — ser cego só por não querer abrir os olhos. Os homens todos a dobrar o joelho uns diante dos outros... Desde há dois mil anos, ainda não conseguimos amar-nos uns aos outros como irmãos... Mas agora vamos adorar-nos, como deuses.

«Afinal, não há Céu» tivera aventado também. Há Céu, há, sim senhor. Mas como é que Gagarine o podia ver, se na sua ascensão não chegou a deslocar os olhos deste miserável vale de lágrimas e de lama? Para encontrar o Céu não basta (nem é preciso!) meter-se num «Vostok» e subir a cerca de 400 quilómetros. Para dar com o Céu, é preciso subir acima de nós mesmos até nos transfigurarmos. «Subir acima de si mesmo e transfigurar-se» é linguagem oculta para os terraa-terra, segredo que escapa a qualquer espionagem.

Outra enormidade — aliás já não é descoberta de agora! —: «Que Deus se fique lá com o seu Céu, que nós cá faremos o nosso». Os filhos das trevas costumavam ser mais «políticos». De facto, a blasfêmia é sumamente imprudente. Se a alguém lhe não agrada o Céu de Deus, não deve rejeita-lo, assim, a correr, antes de arranjar outro: A terra, pelos vistos, para Céu não se presta.

Mas o acometimento de Gagarine tem um lado religio-

so e humano. É um símbolo. Símbolo de ância de infinito com que o Infinito selou a Sua obra. A lei da atração terrestre tem dado bem que fazer ao homem, sempre inquieto por libertar-se dela.

Em todas as literaturas achamos esta aspiração dos povos: na Índia.

«Ramayana»; na Pérsia, Ferdusi com o seu soberano Minutchehr; na Grécia, Luciano com a «Viagem por cima das núvens»; em Roma, Ovidio, com o Faetonte famoso das «Metamorfoses».

No século XVII, Cyrano de Bergerac, projectado no espaço, descobre na lua, sem grande custo, o paraíso terreal.

Hans Pfaal, um dos heróis de Edgar Poe, fabrica um balão, poisa na lua, e de lá escreve a um amigo cá de baixo uma carta de impressões.

Júlio Verne discorre sobre os problemas duma viagem cósmica em «Da terra à lua» e sobretudo «Em volta da lua».

Enfim, Rosny escreveu «Os astronautas» e Navegadores do Infinito» em que aparece pela primeira vez o termo «astronáutico».

Estará finalmente realizado o sonho de tantos séculos? O homem fez prodígios, mas ainda não realizou o sonho: ter dado a volta à terra que Deus deixa de existir.

A chegada do herói, houve as maiores manifestações; como era natural. Gagarine fez uma conferência de Imprensa em que despistou bastante: Passou de raspão pela curiosidade dos ouvintes e gastou a maior parte do tempo com umas notas que, por

Visado pela Censura

PERGAMINHOS DE CASTRO

Por D. S.

Memorial de Montebelo

LXII

A menos valles y altos montes corre
Buscando açã, y allálo que nos quiere
Al fin de Gerás llega a la alta torre
Donde fui viendo se otra quedar quiere;
Mas como la razon siempre socorre,
Já mas el que la tiene desespera,
Que apesar de fortuna, tiempo y brado,
Raras vezes podrá ser ultrapassado.

LXIII

Quando las dos Marias vyo la Diosa
De zeloso furor arde de enojo
Si esta es rojo clabel, candida rosa,
El otra es rosa blanca, y clabel rojo;
Y tan hermosas las vê, que al fin dudosa
Nó sabe qual es causa de su antojo,
Y assi redes fabrica eu este engano,
Qual Vulcano a pescar quien le haze el dano.

LXIV

Veloz bolava yá la noche escura,
Enlutando la tierra con su manto;
Eclipsada de Flora la hermosura,
Yá todo es confusion, todo es espanto,
Quando yá la verdad del cazo apura,
Agoa que el fabuloso fuego axantò,
Puede pagar el ryo de magira,
Que en un dá por sus reynos la mentira.

LXV

A Don Sancho, el primero, Rey secundo
De Lusitania vê que à la Ribera
De nocte viene a hablar aquel que al mundo
De gran valor la espada diò primera;
El que a Goadalquiv de sangre inundò
De la de Ismael fuerte gente fiera,
Hizo correr yá qual cristal y arenas.
E robies bolviò de sangre llenas.

LXVI

La Diosa que estive desenganada,
Si a los dioses enganó, se permite,
Embaynando la ira de su espada,
El borquel de razon más fuerte admite;
Mas porque la ocasion está prinada,
A donde ay tanta luz, porque la quite
A Jupiter, las dos transforma en una,
En parecer, y ser, y igual fortuna.

LXVII

En la Lactea pisa las estrellas
La Diosa que a su trono caminava;
Quando el fuego de amor vivas centellas
Al coraçon de Sancho fulminava;
Yá mirauo las dos, admira en ellas
Las Graviyas de que tanto se pagava,
Que a distinguir nó basta el largo trato
Qual el original, qual es retrato.

(CONTINUA)